

Entrevista com a escritora Cidinha da Silva

Entrevista realizada por Sinei Sales e Maria Nilda de Carvalho Mota, aluno e aluna do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, em dezembro de 2014, via *e-mail*.

Revista Crioula: Cidinha da Silva, quem é você? Quando, como e porque resolveu fazer literatura?

Cidinha da Silva: Sou uma mulher negra, mineira, que escolhi São Paulo para viver e criar a partir de um pensamento afrocentrado. Comecei a publicar literatura em 2006, com um livro de crônicas, autofinanciado, chamado *Cada tridente em seu lugar*. Sempre quis escrever literatura, desde criança. Escrevo desde cedo e a partir de um determinado momento (2006) comecei a publicar.

Revista Crioula: De 2006 para cá você publicou um total de sete livros e desde então tem viajado o país discutindo-os e divulgando-os. Como tem sido a recepção crítica e a também a “popular”, a dos leitores e leitoras comuns à sua obra?

Cidinha da Silva: Na verdade publiquei 8 livros de literatura desde 2006, cinco volumes de crônicas, uma novela, um conto para crianças e um romance, também para este público. Em 2014 fiz o caminho de volta ao primeiro livro que publiquei, uma obra organizada por mim chamada *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras* (Summus, 2003, 3ª edição) e organizei outro livro, uma obra de fôlego de quase 400 páginas, contando com 48 autoras e autores e intitulada *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil* (Fundação Cultural Palmares).

Quanto à recepção crítica, ao fazer uma busca de textos sobre meu trabalho literário para organizar meu currículo Lattes me surpreendi. Eu pensava que a crítica à minha

obra era pouco espontânea, mas a surpresa foi positiva, encontrei muita coisa para além da bibliografia que já conhecia, escrita por pessoas próximas em bom número. De um modo geral, parece que as pessoas veem qualidade no que escrevo. Alguns voos me parecem rasos, eu imagino que o texto oferece mais do que alguns críticos alcançam. Mas, acho que isso se relaciona também a certo olhar estereotipado para a produção de uma escritora negra politicamente posicionada. Isso acontece muito conosco, a crítica tem uma expectativa limitada do que autoras e autores negros produzem ou podem produzir.

A recepção do público tem sido boa. Meus livros são adotados por alguns sistemas de ensino, são muito utilizados por professores e as pessoas são bastante simpáticas nos comentários que fazem sobre a leitura. Outro dia uma leitora que admiro muito fez uma pergunta (quase ameaça) no sentido de fazer um escrutínio crítico do meu trabalho. Eu a “autorizei” a mandar bala. Pensei que viria chumbo grosso, mas até hoje ela não escreveu, não.

Revista Crioula: Como você descreveria a relação entre literatura e resistência, do seu ponto de vista?

Cidinha da Silva: Sobre minha literatura, especificamente, digo que não tenho necessidade alguma de enquadrá-la nesse campo. Que os analistas e leitores o façam, é um direito pleno a ser exercido por eles, mas não me afeta. Depois, penso que haja uma tendência, por parte de quem se posiciona politicamente e produz literatura, à subversão da ordem vigente, ao que está preestabelecido e é favorável àqueles que detêm o mando.

Revista Crioula: Em *Racismo no Brasil, afetos e correlatos*, vemos textos de intenso lirismo e altamente combativos, além de, muitas vezes, polêmicos. Como tem sido pra você, que rotineiramente publica na web, lidar com as opiniões alheias?

Cidinha da Silva: Eu adoro interações inteligentes. Sou muito aberta posições contrárias ao que faço ou digo, desde que consubstanciadas por argumentos. De um modo geral, as intervenções dos leitores são elogiosas. Existem algumas (poucas) agressivas, grosseiras, despeitadas, mas, felizmente não são significativas do ponto de vista numérico, embora às vezes a estupidez incomode. Debato muito pouco, não tenho

tempo, pois, se me ativer ao debate de internet, muitas vezes estéril, não escrevo. Entretanto, acompanho as manifestações públicas sobre meu trabalho e às vezes elas subsidiam a escritura de outras peças. Fico muito contente que vocês tenham percebido o “intenso lirismo” de alguns textos do *Afetos correlatos*.

Revista Crioula: Alguns dos seus trabalhos têm sido encenados pela *Cia das Capulanas de Arte Negra* e *Os Crespos*. Conte-nos um pouco da sua relação com a dramaturgia.

Cidinha da Silva: Meus dois trabalhos encenados até o momento, *Sangoma* (texto em parceria com *Capulanas*) e *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas* (texto integralmente meu) foram escritos por encomenda.

No caso de *Capulanas* entreguei o texto e elas construíram a dramaturgia, orientadas pelo diretor. Ao fim das contas elas resolveram também escrever e o texto é uma parceria nossa.

Com *Os Crespos* a construção da dramaturgia foi conjunta e pude aprender mais.

A sensação de ser assistida por centenas de pessoas é divina. Estar ali na plateia e ir percebendo a reação das pessoas ao texto encenado é muito legal e gratificante.

Neste início de 2015 estou finalizando meu primeiro espetáculo para crianças e a partir de abril ou maio devo me dedicar a adaptação do *Baú de miudezas, sol e chuva*, meu livro mais recente, para o teatro.

Revista Crioula: 2014 marca o centenário de nascimento de Carolina Maria de Jesus, como você bem sabe, mulher, negra, favelada e escritora. O que Carolina representa para o país, do ponto de vista dos estudos literários e do ponto de vista das questões sociais e raciais?

Cidinha da Silva: Carolina é ícone e inspiração para todas as pessoas que conseguem compreender o desejo de uma mulher portadora das condições sociorraciais já mencionadas de se firmar como escritora. Ela não era, nem queria ser outra coisa, era

escritora plena. Multifacetada, vocalizava a palavra em contos, crônicas, poemas, romance, peças de teatro, canções, etc.

Carolina ainda está por ser estudada detidamente do ponto de vista literário, ainda é o olhar sociológico que mais se debruça sobre ela, embora restrito à condição socioeconômica. A condição racial, suas contradições e determinação na queda de Carolina, já que ela enfrentava a opressão racial de cabeça erguida e por isso foi punida com o ostracismo, merecem leitura sociológica mais séria e ampliada.

Revista Crioula: Como você tem visto o cenário literário atual, pensando sob o ponto de vista do mercado editorial, das movimentações literárias nas periferias e da presença ou não de autores e autoras negras? Avançamos?

Cidinha da Silva: Sim! Avançamos, crescemos, ocupamos espaços. Do ponto de vista do mercado, penso que falta materializar o conceito de bibliodiversidade e abrir espaço para a multiplicidade de vozes que se expressa via literatura negra e periférica.

Quanto às movimentações literárias, sinto falta de enegrecimento, temático e autoral.

E no que concerne a escritoras e escritores negros e periféricos, creio que precisa haver mais investimento na auto-qualificação. É preciso sair da descrição crua da realidade (socioeconômica, emocional, racial, etc) para a criação literária, se é que o objetivo é mesmo o de fazer literatura.

Revista Crioula: Cidinha, como as questões sexuais e de gênero aparecem em sua obra? De que forma elas representam resistência aos padrões normativos?

Cidinha da Silva: Creio que aparecem todo o tempo, é algo intrínseco ao meu trabalho. Entretanto, estão presentes de maneira mais enfática no meu segundo livro, *Você me deixe, viu? Eu vou bater meu tambor!* (Mazza Edições, 2008) E no oitavo, *Baú de miudezas, sol e chuva* (Mazza Edições, 2014). As mulheres fortes e protagônicas povoam minhas narrativas mais longas, assim como os homens que se reveem premidos pelo feminismo e pelo desejo de serem mais humanos e menos machistas e misóginos. Minhas personagens têm também orientação sexual variada. Penso que a resistência

deve estar na reinvenção, na releitura, na ressignificação, na apresentação de possibilidades alternativas aos padrões heteronormativos.

Revista Crioula: Qual a importância das religiões de matriz africana na sua obra poética? Como você pensa a apropriação dessa temática pela literatura, pela música e cinema brasileiros contemporâneos? Há resistência à Indústria Cultural ou há cooptação?

Cidinha da Silva: Muitas perguntas numa só e várias queixas nas respostas, como diria uma amiga baiana.

No começo de minha carreira eu tinha ligação mais forte com as religiões de matriz africana. Aos poucos fui compreendendo outras coisas e hoje me interessam mais os valores civilizatórios de matriz africana que têm uma perspectiva mais ampla do que os valores religiosos, têm uma conotação mais filosófica e que me ofertam mais liberdade de criação. Eles têm se constituído em fonte primária na qual me alimento e me fortaleço para construir e reelaborar continuamente a compreensão do que sejam africanidades na cultura brasileira.

O que vem de África, o que é de África e o que é construído da diáspora africana, de um modo geral, tem sido apropriado pela indústria cultural como expressões exóticas, hipersexualizadas, desumanizadas, etc. Quando alguém se curva à indústria cultural não tem muito para onde correr, essa é a cartilha. Por outro lado há pessoas buscando fazer outras coisas, construir outras linguagens, reverberar outros valores. Esses produtores estão na contracorrente e nadam contra maré, logo, não têm vida fácil.